

Michael Shannon vai ser o vilão de Super-Homem

O General Zod vai ser um dos vilões da próxima versão cinematográfica de Super-Homem, realizada por Zack Snyder e protagonizada por Henry Cavill. Michael Shannon, conhecido por filmes como *Revolutionary Road* e *Meu Filho, Olha o que Fizeste*, interpretará o mau da fita, que também vem do planeta Krypton e tem os mesmos poderes do Homem de Aço. Zod já foi interpretado por Terence Stamp nas duas primeiras películas em que Christopher Reeves interpretou Super-Homem. O filme tem estreia prevista para Dezembro de 2012.

Fresnadillo vai realizar remake de O Corvo

O realizador espanhol Juan Carlos Fresnadillo, que já assinou filmes como *28 Semanas Depois*, acaba de ser confirmado como o cineasta escolhido para dirigir o remake de *O Corvo*, adaptado da BD de James O'Barr, após Stephen Norrington ter saído do projecto.

Sylvester Stallone protagoniza filme de Walter Hill

Nos anos 70 e 80, Walter Hill era um dos mais conceituados autores de filmes de ação do cinema, com obras como *48 Horas*, *Estrada de Fogo* e *Os Selvagens da Noite* no currículo. Agora, prepara-se para regressar ao grande ecrã com *Headshot*, protagonizado por Sylvester Stallone e baseado na BD de Alexis Nolent, sobre um atirador forçado a juntar-se a um polícia para investigar um assassinato.

Sob o foco Sérgio Tréfaut

Em 2006, surpreendeu o público com o êxito do documentário *Lisboetas*. Agora, Sérgio Tréfaut regressa às salas de cinema com um filme sobre a Cidade dos Mortos, no Egito, sobre o qual esteve à conversa com Luís Salvado.



ANA LIMA

Diz-se que os realizadores de documentários procuram sempre temas que lhes sejam próximos, mas *A Cidade dos Mortos* parece ser longe de tudo para ti, em termos de língua, cultura...

Bom, há ali duas coisas que me são familiares. Uma, que é familiar a toda a gente, é a vida e a morte, a relação que nós temos com os mortos, e isso é um assunto transversal a todas as sociedades e a todas as pessoas. A outra é que há aqui, tal como em tudo o que eu faço, um lado de procurar novos desafios. Faz parte da minha biologia e dos meus cromossomas, fazer coisas em que se diga "isso é impossível". Se é impossível, vamos tentar. Sou assim, não sou de outro jeito.

Foi difícil conseguir permissão para filmar na Cidade dos Mortos?

Lá é proibido, pura e simplesmente. Como eu tinha produtores internacionais interessados no filme, eu tentei ter autorizações de todas as maneiras e foi impossível. O embaixador de Portugal escreveu a três ministros egípcios e nem uma resposta, eu tentei co-produtores locais que perceberam que corriam o risco de fechar se estivessem associados a um projecto destes. Isso nunca era explicitamente dito pelo governo mas eu conheço casos de filmes que arrancaram e desistiram porque os impedimentos eram muito altos. Eu vi um filme, clandestino como o meu, feito por um egípcio, que não era filme

nenhum, ele tinha tanto medo de entrar e estar com as pessoas que ele filmava *travellings* de carro quase a fugir do cemitério. O que eu fiz foi ir entrando a pouco e pouco, ao longo do tempo e, e ir criando uma rede de contactos grande, que muitas vezes não se conheciam entre si.

Porque aquilo é enorme...

Aquilo chega a ter mais de um milhão de pessoas, e tem mercado, escolas, cafés. Para aquela gente, embora tenham a noção de aquilo é invulgar aos olhos de muita gente, viver ali tornou-se muito natural. Nasceram ali, cresceram ali e vão morrer ali.

Achas que este filme poderá ter o sucesso do Lisboetas?

Não faço a mais pequena ideia do que vai acontecer. Não se esperava que o *Lisboetas* tivesse o êxito que teve, foi o primeiro documentário a ficar três meses em cartaz, e houve um acompanhamento do filme por parte dos distribuidores, que eu hoje não sei se haverá capacidade e vontade de repetir. O documentário funciona pelo assunto e se, por um lado, em Portugal não é tradição as pessoas interessarem-se muito pelo que é exterior ao país, por outro a realidade da vida dentro do cemitério é tão universal que tanto faz que seja lá, na Patagónia ou na Suécia. Eu gostaria que tivesse pelo menos algum tempo de exibição, para recuperar o dinheiro que gastámos na promoção. O lançamento de um filme é uma coisa pesada e se ele não fizer 10 mil espectadores eu saio perdendo.

A Cidade dos Mortos

★★★

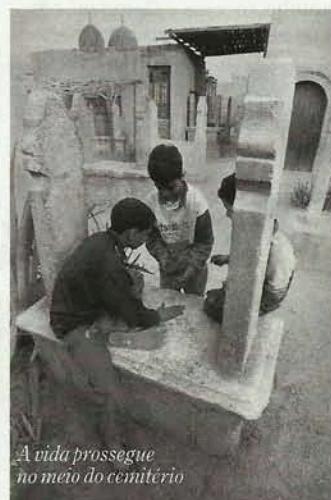
De Sérgio Tréfaut
Portugal, 62 min, ver listas

No sudeste do Cairo, há um cemitério que se estende por vários quilómetros, uma rede complexa de túmulos e mausoléus, com uma particularidade muito especial: vivem lá centenas de milhares de pessoas, algumas porque querem estar próximas dos seus antepassados, muitas porque a pobreza as empurrou para ali, e muitas mais porque já ali nasceram e ali vivem com a mesma naturalidade com que se vive em Lisboa, no Pólo Sul ou no deserto do Saara.

Sérgio Tréfaut resolveu abrir uma janela sobre esse mundo desconhecido de todos – afinal, uma das missões tradicionalmente mais nobres do documentarista –, e revela-nos as vivências do dia-a-dia de um grupo diverso de pessoas, das crianças aos idosos, que ali nascem, crescem, casam, têm filhos e morrem. E vêmo-lo em discurso directo, a reflectirem sobre as suas vivências, com Tréfaut a funcionar, aparentemente, apenas como catalisador de depoimentos e não como orientador da narrativa.

Em complemento a *A Cidade dos Mortos*, é também exibida a curta-metragem *Waiting for Paradise*, de 19 minutos, uma parcela do documentário que não encaixa no filme propriamente dito, que apresenta um delirante e festivo casamento no meio do cemitério, em que até a dança do ventre surge ao barulho.

Luís Salvado



A vida prossegue no meio do cemitério